

Educom.Cine: uma experiência de extensão universitária integrada ao Programa Novo Mais Educação

João Ricardo Cararo Lazaro

Rafael Gué Martini

Jacline de Santana Lins

Maria Luiza Delfes Varela

Rita de Cássia dos Santos Vanderlinde

Introdução

O programa de extensão Educom.Cine: Audiovisual, Educação e Cidadania, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), é uma ação de extensão que acontece em parceria com a Escola Básica Municipal Albertina Madalena Dias e iniciou em 2015. O eixo central do programa é a criação de uma cultura de Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) (WILSON et al, 2013) na escola, a partir do exercício da linguagem áudio-scripto-visual envolvendo diversos integrantes de seu ecossistema educacional.

Em 2017 a equipe do Educom.Cine realizou oficinas com estudantes do Programa Novo Mais Educação da Escola Albertina, localizada em Florianópolis, no

bairro Vargem Grande. Neste artigo refletimos sobre o trabalho realizado nesse ano, sempre em busca do aprimoramento das Práticas Pedagógicas Educomunicativas (SARTORI; SOUZA, 2012). Apresentamos também as intersecções possíveis dessa prática com a nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), de acordo com o que destaca Soares (2018). Discutiremos a participação das crianças e jovens nas atividades, analisando as possibilidades de transformação social que emergiram da apropriação das tecnologias e de suas experiências com a expressão educomunicativa.

Sobre o Educom.Cine

O Educom.Cine promoveu a produção audiovisual colaborativa por meio de oficinas realizadas no contraturno escolar. O audiovisual foi abordado como uma linguagem que permite trabalhar os aspectos áudio-scripto-visuais (CLOUTIER, 1975) do processo de produção de conteúdos na interface educação/comunicação, sob a perspectiva teórica da educomunicação (SOARES, 2011). As ações desenvolvidas tiveram como objetivos: capacitar estudantes e professoras(es) nas técnicas audiovisuais; possibilitar e incentivar a expressão educomunicativa por meio da arte; produzir um curta-metragem sobre a temática dos Valores Humanos Universais e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS); integrar o conhecimento dos participantes no processo de ensino-aprendizagem; e difundir os audiovisuais produzidos na escola e comunidade.

Para alcançar esses objetivos, o programa contou com trêsicineiros/as nas áreas de roteiro, arte e edição. Eles atuaram de forma integrada ao programa Novo Mais Educação, supervisionados por uma professora da Escola Albertina e coordenados pelo professor responsável pelo projeto na UDESC. As oficinas atenderam estudantes que apresentaram restrições, ou seja, não atingiram a média necessária para a aprovação em determinadas disciplinas. Também foram contemplados estudantes em situação de vulnerabilidade social, num total de aproximadamente 50 participantes ao longo do ano. A carga-horária das oficinas totalizou 624h de atividades presenciais ao longo do ano letivo.

Houve alguma resistência e evasão entre o público-alvo das oficinas, situação amenizada com a progressiva construção de vínculos, no decorrer das atividades. As estratégias de sensibilização e aproximação utilizadas pelosicineiros

incluíram os jogos cooperativos, a prática de yoga, a escuta ativa constante e o uso da Comunicação Não-Violenta. Os espaços físicos da escola eram escassos e muito disputados, exigindo da equipe muita flexibilidade, diálogo com profissionais da escola e o exercício constante de adaptação. O trabalho buscou influenciar cada estudante no cuidado em relação a si mesmo, sua autoestima, e em relação ao coletivo, exercitando a resolução de questões e conflitos por meio de diálogo e cooperação.

Metodologia

A metodologia foi definida de forma participativa e teve como base o referencial teórico da educomunicação. A principal ação foram as oficinas integradas de roteiro, captação audiovisual e edição de vídeo onde as turmas foram consideradas equipes cinematográficas, com cada participante responsável por uma função. O enfoque foi no aprendizado baseado em projetos, o que “incentiva o aluno a ‘aprender a aprender’ ampliando a capacidade de trabalhar em grupos e permite problematizar questões de forma diversificada e contextualizada” (CONCEIÇÃO, 2014, p.157). O trabalho em equipe teve como meta aprenderem a "fazer juntos".

As oficinas de roteiro desenvolveram a escrita e organização das ideias; a de captação trabalhou o registro de sons e a composição das imagens fixas e em movimento; a de arte exercitou a concepção de cenários, maquiagem e figurinos; a oficina de edição integrou os elementos gráficos, sons, trilhas sonoras e imagens em produtos únicos e de autoria coletiva. Assim foram contemplados todos os aspectos da linguagem áudio-scripto-visual no processo de expressão educ comunicativa por meio da arte¹, que é uma das áreas de ação da educomunicação (SOARES, 2011). A prática das diversas linguagens também contemplou a área da educação para a comunicação, tanto entre os estudantes como destes

1 utilizamos essa expressão como sinônimo da área de expressão comunicativa por meio da arte, para diferenciar a arte coletiva com propósito educacional típica da educomunicação de outras formas de expressão artística autorais e canônicas. Pensando na taxionomia epistemológica do campo, também imprimimos a mesma adjetivação nas áreas da gestão, mediação tecnológica e pedagogia.

com a comunidade escolar. O aprendizado técnico do uso das tecnologias fez parte das ações de mediação tecnológica na educomunicação. O próprio exercício didático das oficinas desenvolveu a pedagogia da educomunicação nos oficinas. A gestão da educomunicação foi a área de atuação do coordenador da equipe, que renovou as estratégias com base na gestão do projeto nos dois anos anteriores. Por fim, apresentações em eventos científicos e este artigo constituem a nossa reflexão epistemológica sobre o campo.

Nas oficinas os estudantes conheceram diferentes maneiras de se expressar e envolveram-se em produções audiovisuais concebidas e executadas na escola, proporcionando aos participantes um avanço na AMI e na escrita de suas próprias histórias. A auto-expressão é um aspecto metodológico importante que possibilita a "compreensão sobre a diferença entre *ensinar sobre* e *ensinar por meio* da alfabetização midiática e informacional" (WILSON, et ali, 2013, p.60).

A metodologia do programa buscou "produzir mudanças que respondam aos desafios apresentados pela sociedade atual, mobilizada por graves questões relacionadas à vida, à ética, ao planeta, ao trabalho, à convivência entre diferentes, à dignidade humana, entre outros temas" (SOARES, 2011, p.53). Se propôs a fazer isso na perspectiva da educomunicação, preocupada, "essencialmente, com o aluno, com sua relação consigo mesmo, enquanto pessoa, tanto quanto com sua relação com os colegas, os docentes, a escola e a sociedade ao seu redor" (SOARES, 2011, p. 46).

Alinhado a estes preceitos, o ponto de partida para a temática abordada em 2017 foram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)² e os Valores Humanos³. A partir destes parâmetros, definidos coletivamente pela sociedade em diferentes esferas de participação política, os alunos refletiram sobre as questões pessoais e locais e elaboraram suas conclusões no processo de produção audiovisual colaborativa. Foi valorizada a perspectiva educativa de cria-

2 Os ODS foram lançados em 2016 pela ONU na chamada Agenda 2030, ano-prazo que os países signatários têm para cumprir as metas estabelecidas para cada um dos 17 objetivos definidos (NÓS PODEMOS SC, 2018).

3 De acordo com o Programa Sathya Sai de Educação em Valores Humanos (PSSEVH), criado por Sri Sathya Sai Baba (institutosathyasai.org.br).

ção que fundamenta a escolha do tema nas inquietações dos alunos e alunas, passando pela vivência sadia e estimulante de estudantes em um ambiente de múltiplas interações, possibilitando uma transformação, não só no campo educativo, mas uma transformação política e social (CONCEIÇÃO, 2004).

Portanto, na medida que alunos e alunas desenvolvem suas aptidões de expressão e comunicação, também se modifica a maneira como seus valores são estruturados e como vêem o mundo ao seu redor. A metodologia utilizada está alinhada à nova BNCC quanto à competência em educação midiática que preconiza "ser o estudante capaz de dominar os elementos indispensáveis a uma produção midiática qualificada como democrática e participativa" (SOARES, 2018, p.15). A consultoria do coordenador e a equipe vinculada à universidade, que atuou junto aos alunos e direção da escola, se caracterizou como uma curadoria, função também prevista na BNCC, segundo a análise de Soares (Ibid.).

Captação e Edição Audiovisual

As atividades práticas, para a apropriação de conceitos técnicos relacionados à mediação tecnológica na educomunicação, iniciaram com exercícios colaborativos de cobertura audiovisual. A equipe⁴ do Educom.Cine realizou a cobertura de alguns eventos importantes que ocorreram na escola.

A primeira cobertura aconteceu no evento de aniversário de 60 anos da escola, que superou as expectativas da equipe administrativa. Segundo o diretor da escola, os alunos que costumavam "agitar" estas ações oficiais estavam todos envolvidos com as filmagens. A experiência da cobertura e a declaração do professor demonstram que a diversificação de atividades pode aguçar a curiosidade dos estudantes e lhes proporcionar formas alternativas de participação. Essas ações de expressão, principalmente aquelas que implicam o uso de tecnologias, demonstram potencial para a redução dos problemas com a dita indisciplina.

Os jogos escolares anuais contaram também com a equipe cinematográfica no registro de sua abertura (Figura 1), e na gravação de entrevistas com as equipes

4 quando nos referimos à equipe estamos incluindo aí os estudantes, oficinairos e administradores envolvidos.

sobre as expectativas quanto aos acontecimentos da semana que seguiria (Figura 2). Nessa atividade esportiva houve um maior contato entre estudantes, com o estímulo à intersubjetividade e a sociabilidade entre diferentes idades. No registro da abertura dos jogos alternavam na operação da câmera vários participantes do projeto. Sempre que uma nova aluna ou aluno começava a operação da câmera, o/a anterior ensinava como operá-la: qual botão começa e para de gravar, como acionar o zoom e usar o tripé. A prática de incentivar os estudantes a ensinar uns aos outros na rotatividade da operação dos equipamentos promoveu a apropriação das técnicas e processos. Houve a reinvenção de suas aprendizagens, ao buscarem a melhor maneira de explicar como as coisas funcionavam. Em exercícios como estes, vários educandos/as tiveram seu primeiro contato com equipamentos de audiovisual. Cada um registrou de seu ângulo e com um enquadramento diferente as várias etapas do cerimonial.



Figura 1 - Cobertura da abertura dos jogos da escola.

Fonte: Educom.Cine/Maria Luiza D. Varela

Em seguida, os participantes se tornaram uma equipe de reportagem, registrando as impressões de integrantes dos jogos. Neste momento, além das funções de operação e assistência de câmera, claquete e direção, surgiu a figura do repórter e do/a entrevistado/a. Nos meses seguintes, no processo de criação e gravação de um curta metragem, o estudante que experimentou a função de repórter se tornaria o âncora de um programa jornalístico fictício.



*Figura 2 - Entrevista com participante dos jogos.
Fonte: Educom.Cine/Maria Luiza D. Varela*

Na semana seguinte à abertura dos jogos foi realizada uma oficina de edição de vídeo com o material captado, para o exercício das técnicas de edição. Essa etapa requer da figura do/a editor/a uma grande quantidade de trabalho e conhecimento do material. Para simplificar o processo, a oficina foi organizada em dinâmicas. A primeira dinâmica foi a exibição das filmagens brutas para a turma; a segunda foi a seleção das melhores imagens; e a terceira foi a montagem dos trechos selecionados. Ao final da prática de cobertura colaborativa, todos que participaram haviam experienciado o processo como um todo.



Figura 3 - Oficina de edição de vídeo. Fonte: Educom.cine/joaorlazarro

Roteiro

As oficinas de roteiro promoveram a reflexão sobre os ODS e os Valores Humanos Universais, que são o Amor, a Paz, a Ação Correta, a Verdade e a Não-

-Violência (CAETANO, 2011). Os ODS foram abordados em suas três dimensões: a econômica, a social e a ambiental. Essas temáticas foram integradas desde a perspectiva mais filosófica, dos valores, até a mais pragmática, dos objetivos acordados em nível mundial. Optou-se por trabalhar os Valores Humanos na intersecção com os ODS e as demandas espontâneas apresentadas pelos estudantes.

Os valores são características de uma determinada pessoa, organização ou sociedade, que resultam em como se dá a relação destas com os outros indivíduos e o meio ambiente. Nesse sentido, concorda-se com a perspectiva de que uma crise de valores afeta a humanidade, que manifesta egoísmo, crueldade e violência. Assim, a transmissão dos Valores Humanos é de fundamental importância, pois consiste na base de um futuro mais pacífico e sustentável.

A proposta de uma metodologia que valorizasse a participação, a criatividade e a autonomia dos estudantes, causou estranhamento por parte deles, e também por parte da equipe. Trabalhar numa perspectiva emancipatória exigiu o exercício de abertura e a autocrítica para uma constante reinvenção. O desafio de desenvolver a autonomia proposto aos estudantes resultou no despertar do protagonismo, que rompeu com os padrões da sala de aula convencional. Nesse sentido, as temáticas permearam e foram adubo para o nosso terreno. Os resultados dos encontros foram a colheita de reflexões semeadas por cada participante. Buscou-se várias formas de comunicação para romper com o padrão de emissão de comunicados dos educadores/oficineiros aos estudantes, que em sua maioria estão habituados a apenas acatarem as 'ordens'. O tratamento da turma enquanto uma equipe cinematográfica possibilitou a horizontalidade nas relações dialógicas de educação e comunicação, apoiadas na crítica de Paulo Freire (1975, 1983) à equivocada concepção bancária da educação e da comunicação.

O trabalho em equipe necessário para a realização de um filme formou um ambiente muito propício à co-criação. Esta prática de aprender a fazer junto é considerada um dos sete saberes necessários à educação do futuro, conforme Morin (2000). O fortalecimento de equipes, reunidas em torno da expressão comunicativa, é também a base para a criação e o fortalecimento dos ecossiste-

mas de educomunicação, conceito fundamental do campo, e que deve ser pensado de forma estratégica por sua área de gestão. Segundo Soares (2018) esta perspectiva está contemplada na nova BNCC, divulgada pelo MEC em 2017, o que torna esse trabalho ainda mais relevante, tendo em vista a necessidade das escolas municipais se adequarem aos preceitos da BNCC nos próximos anos.

Nas oficinas de roteiro, apostamos nas técnicas de yoga na aprendizagem para propiciar relaxamento, presença e concentração, o que repercutiu positivamente nas atividades propostas. Foi utilizada a abordagem pedagógica do RYE (Recherche Sur Le Yoga Dans L'Education), com base nas propostas de Flak e De Coulon (2007).

Referente aos ODS, foi encenado na sala de informática da escola um “encontro mundial”, onde “representantes de diferentes países” estavam reunidos para pensar soluções para erradicar a pobreza e a fome no mundo e promover educação e saúde de qualidade (os quatro primeiros ODS). A turma foi dividida em quatro grupos, cada grupo escolheu um país para representar e foi sorteado um objetivo por país. A partir disso, os grupos pesquisaram na internet os argumentos para defenderem os objetivos que estavam representando e o porquê de sua importância. Foi feita a captação de imagens da atividade pelos estudantes, aproveitando para treinar o uso dos equipamentos de audiovisual. A atividade integrou a educação para a comunicação com a mediação tecnológica, numa perspectiva que vai de encontro às competências gerais definidas pela BNCC onde

são contemplados elementos que se relacionam à expressão cultural, ao uso das diferentes linguagens, à criação e à utilização de tecnologias digitais de informação e comunicação, sempre com a expressa recomendação de que isso se faça de forma crítica, significativa, reflexiva e ética. (SOARES, 2018, p.12)

No decorrer dos encontros seguintes foram realizadas rodas de conversa com os estudantes sobre a injustiça social e fenômenos socioambientais, temas que dialogam com os 12 primeiros ODS (NÓS PODEMOS SC, 2018) e que foram relacionados com os valores humanos universais, na perspectiva de que somos

todos agentes de transformação direta ou indireta da sociedade. Os encontros foram dinamizados com a exibição de curtas metragens relacionados aos temas. Os conteúdos globais tiveram uma releitura local sob a ótica das equipes, numa perspectiva glocal (SILVA, 2002). Buscou-se usar como exemplo a realidade do bairro e da cidade. Por exemplo, no ODS 6 - Água potável e Saneamento, foi realizada uma atividade para reflexão sobre o percurso do rio que passa pelo bairro da escola, desde a nascente até sua chegada no mar.

O curta-metragem

No percurso das oficinas de roteiro os estudantes manifestaram demandas espontâneas que reverberaram suas necessidades, criatividade e angústias e que foram transformadas em um curta-metragem denominado “O Preconceito Perdeu”⁵, cuja sinopse foi definida por eles: Um jornal, chamado Blablabla resolveu cobrir uma guerra entre cores que estava acontecendo na Escola Albertina. No decorrer da reportagem acontecem coisas que, para os estudantes já são cotidianas, mas servirão para todos repensarem se esse é o mundo que queremos para as gerações futuras.



Figura 4 - Still do curta metragem O Preconceito Perdeu.

Fonte: Educom.Cine/Youtube.

5 Curta-Metragem disponível no canal do Educom.cine, no link <http://bit.ly/edcomyoutube>

Na elaboração do roteiro para o curta-metragem, foi realizada uma tempestade de idéias⁶, onde surgiram duas propostas: uma briga entre dois grupos caracterizada como uma guerra de aviões de papel e um jornal televisivo. Em vez de optar por uma delas, agregamos ambas, como indica a sinopse acima. O roteiro resultante foi o de um programa jornalístico de televisão em que é noticiado um conflito com motivações étnico-raciais ocorrendo “ao vivo” na escola. Em meio ao conflito surge uma equipe de conciliadores, falando sobre a importância do respeito aos “Diferentes gêneros, diferentes regiões, diferentes gerações, diferenças étnico raciais, diferentes religiões”. A escrita do roteiro foi coletiva.



Figura 5 - Set de gravação do curta-metragem. Foto: Alice Schmall.

Para o dia da gravação do curta-metragem, além das equipes, tivemos a presença de três convidados especiais. Uma aluna, participante do programa Educom.Cine em 2015, que fez parte dos dois episódios do programa "Luz, Câmera, Educom!"⁷, compartilhou seus conhecimentos com os colegas. Ela ajudou com o uso da claquete, o relatório de câmera de cada cena e também na operação das câmeras e microfones, sendo uma facilitadora experiente presente no set de gravação.

6 Tradução popular do termo inglês *brainstorm*, que consiste em uma dinâmica de grupo em que diversas ideias são expostas para que sejam filtradas, classificadas ou descartadas.

7 Episódios disponíveis no canal do Educom.cine, no link <http://bit.ly/educomyoutube>

O segundo convidado foi um colega da escola conhecido por ser *Youtuber*. Ele participou como ator de um dos grupos “em guerra”, e foi convidado em função de sua “fama”. O que demonstrou uma percepção da estratégia de escolha de elenco praticada pelo mercado cinematográfico, que aposta nas estrelas para valorizar as produções.

A terceira convidada foi uma professora de outra escola da cidade, que entrou em contato com a equipe do Educom.Cine para trocar experiências. Ela estava executando ações relacionadas ao audiovisual em sua escola e necessitava de apoio técnico. Seu contato espontâneo demonstra que há uma demanda reprimida por formação nesta área na educação básica, com professores cientes da relevância dessas ações na formação dos estudantes.

No dia da gravação foi muito importante para a coordenação do coletivo que cada participante assumisse uma função, resultando assim numa mobilização completa do grupo. Segundo Conceição (2014, p.154), “engajar é dar ao grupo um papel preciso, uma obrigação que os torna essenciais”. Parte da equipe trabalhou no preparo do elenco, figurino e maquiagem e outra parte na equipe de gravação, formada por estudantes de diversas idades, com o reforço da aluna experiente como facilitadora do processo, compartilhando seus conhecimentos e demonstrando a importância do protagonismo dos/das estudantes em seu próprio aprendizado.



Figura 6 - Preparação da gravação. Foto: Alice Schmall.



Figura 7 - Funções da equipe de gravação. Foto: Alice Schmall.

O processo de realização do curta-metragem promoveu o aprendizado das técnicas audiovisuais entre os estudantes envolvidos. Os participantes usaram a linguagem audiovisual “para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo” (BRASIL, 2018, p.9), como prevê a quarta competência geral da educação básica na BNCC. Este é, segundo Soares (2018), mais um exemplo das convergências entre a nova Base e a educomunicação.

O curta-metragem foi finalizado a contento, mas o processo teve vários desencontros. Um deles foi na relação dosicineiros com a escola, motivado por uma diferença de entendimento no caso de um aluno e uma aluna que foram retirados do programa como punição por comportamento inadequado em sala de aula. A expulsão foi realizada sem consulta aosicineiros, que enxergavam a “bagunça” e a “indisciplina” como um sintoma e não como o problema em si. Esses estudantes “bagunceiros” gostavam e se destacavam no programa, mas foram penalizados por um comportamento desenvolvido fora das oficinas. Essa situação quase inviabilizou a posterior exibição do curta metragem, pois um dos estudantes envolvidos se sentiu profundamente decepcionado e num primeiro momento não autorizou o uso de sua imagem. Felizmente, após muito diálogo, ele concordou. Nesse sentido, destacamos a importância de um espaço de empatia e diálogo na escola, onde determinadas situações possam ser

vistas por ângulos diferentes. A educação e comunicação dialógicas devem ser também um exercício básico para a docência compartilhada.

Resultados e Reflexões

Por meio das oficinas de criação em audiovisual os estudantes entraram em contato com diferentes maneiras de expressarem-se, utilizando a linguagem áudio-scripto-visual. Se envolveram em produções audiovisuais concebidas e executadas na escola, pautadas pelos acontecimentos, o cotidiano, e as situações-problema do local, participando de uma prática de produção artístico-cultural. A comunidade escolar notou a presença e as movimentações do programa, causando curiosidade e fomentando o interesse de outros estudantes no projeto que, apesar de acontecer pelo terceiro ano consecutivo, possui uma lista de interessados sempre maior que a capacidade de atendimento. Situação que indica espaço para maiores investimentos na área por parte do poder público.

Professores, professoras e coordenação da escola relataram que o programa produziu mudanças no comportamento dos estudantes em relação ao interesse e participação na vida escolar, com o desenvolvimento da autoestima e fortalecimento dos vínculos com a comunidade local. A presença e atuação de um projeto fundamentado na educomunicação resultou em experiências surpreendentes. Os estudantes considerados “problema”, se revelaram cheios de talentos e potencialidades.

De maneira proativa, consciente e dialógica, foram realizadas Práticas Pedagógicas Educomunicativas de relevância, para que todos e todas pudessem se apropriar da linguagem áudio-scripto-visual. Os participantes desenvolveram suas aptidões para “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva” (BRASIL, 2017, p.9).

O curta-metragem “O Preconceito Perdeu” foi apresentado para a comunidade na Festa da Família da escola, no XI Seminário de Diversidade Étnico-racial da

Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e na II Mostra Audiovisual do Congresso de Educação Básica de 2018, no mesmo município. Uma demonstração do potencial de alcance da produção artístico-cultural escolar.

No seu terceiro ano de realização consecutiva, o Educom.Cine conseguiu resultados importantes. Em 2017, a integração ao programa Novo Mais Educação, segundo a própria coordenadora do programa na escola, promoveu sua ressignificação no sentido de passar a ser uma atividade atrativa, ao invés de uma atividade extra que os estudantes tinham que participar obrigatoriamente.

Essa percepção nos levou a refletir sobre a urgência e importância de políticas públicas no que tange a promoção da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), em especial as estratégias de valorização da auto-expressão. A nova BNCC aponta no sentido de integrar a educomunicação em definitivo às atividades de aprendizagem na escola. Acreditamos que experiências como o Educom.Cine possam ser replicadas em escala com a curadoria de educadores em outras escolas ou redes escolares, de acordo com as perspectivas apontadas pela análise de Ismar Soares:

A proposta que mantemos e socializamos é levar à base curricular brasileira, no espaço de ação das secretarias municipais de educação, as ideias inovadoras de Anísio Teixeira e Paulo Freire, no sentido de construir projetos de educação que resgatem o protagonismo do professor e do aluno no chão do sistema educativo, pelo cumprimento dos dispositivos legais abertos a uma comunicação dialógica e participativa, como as identificadas e transcritas neste artigo. É o que denominamos “educomunicação possível”. (2018, p.23)

Percebemos que a visível desmotivação, a “bagunça” e a indisciplina dos estudantes são um sintoma, e não o principal problema da educação escolar. Afinal, sinalizam para a necessidade deles se expressarem de alguma maneira, e o envolvimento na realização de produtos criativos podem suprir esta necessidade e acalmar os ambientes, a ponto de propiciar os subsídios para uma melhoria na aprendizagem.

Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. 3. ver. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>, acesso em 17 de setembro de 2018.

CAETANO, D. S. D. Educar com o coração. *Evidência*, v. 7, n. 7, p. 53–62, 2011.

CLOUTIER, J. *A Era de EMEREC* ou a Comunicação Áudio-scripto-visual na hora dos self media. 2a ed. Lisboa: Instituto de Tecnologia Educativa, 1975.

CONCEIÇÃO, Nádya Souza. *Aprendizagem baseada em projetos: uma teoria educacional aplicada à educocomunicação*. In: SARTORI, Ademilde. *Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos: Diálogos sem fronteiras*. Florianópolis: Dioesc, 2014. p. 149-159.

FLAK, Micheline; DE COULON, Jacques. *Yoga na Educação: integrando corpo e mente na sala de aula*. Florianópolis: Comunidade do Saber, 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 2a ed. Porto: Afrontamento, 1975.

_____, P. *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MORIN, E. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo; Brasília, DF: Cortez; UNESCO, 2000.

NÓS PODEMOS SC. *Portal do Movimento Nacional ODS: Nós Podemos Santa Catarina - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em: <<http://nospodemos-sc.org.br/>>. Acesso em: 23 maio. 2018.

SARTORI, A. S.; SOUZA, K. R. DE. Estilos de aprendizagem e a prática pedagógica educocomunicativa na educação infantil: Contribuições do desenho animado para a aprendizagem das crianças contemporâneas. *Revista de Estilos de Aprendizagem*, v. 10, n. 10, p. 30–37, 2012.

SILVA, B. *A Glocalização da Educação : da escrita às comunidades de aprendizagem*. O particular e o global no virar do milênio: Cruzar Saberes em Educação. Actas do 5o Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Anais...Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2002.

SOARES, I. DE O. *Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil. *Comunicação & Educação*, v. 23, n. 1, p. 7-24, 7 jun. 2018.

WILSON, C. et al. *Alfabetização midiática e informacional: Currículo para formação de professores*. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

Sobre os autores

João Ricardo Cararo Lazaro - Ministrante de Oficinas de Audiovisual, Produtor Audiovisual e Bacharelando em Artes Visuais no CEART/Udesc. E-mail: joaorlazaro@gmail.com

Rafael G. Martini - Doutorando em Educação pela Universidade do Minho, professor da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC e vice-líder do grupo de pesquisa Educom Floripa. E-mail rafael.martini@udesc.br

Jacline de S. Lins - Graduada em Serviço Social pela Univ. Federal de Santa Catarina. Capacitação para Trabalho Social com Famílias. Facilitadora de oficinas de educomunicação. E-mail: jaclinelins@gmail.com

Maria Luiza Delfes Varela - Licenciada em Pedagogia pela UNIASSELVI, arte educadora com formação para o Desenvolvimento Sustentável pela Carta da Terra Internacional e UNIPAZ. E-mail: mluizavarela@gmail.com

Rita de C. dos S. Vanderlinde - Mestre em Neurociências (UFSC), professora da Rede Municipal de Florianópolis onde coordenou, em 2017, o Programa Novo Mais Educação em sua escola. E-mail: rcassiavanderlinde@gmail.com